

O PAPEL DA REDE LITERÁRIA NA MITIGAÇÃO DO ISOLAMENTO SOCIAL E GEOGRÁFICO: As Tecituras de Paulo Leminski¹

Jr. Bellé

Doutorando em Estudos Literários

Programa de Pós-graduação em Letras/Universidade Federal do Paraná (UFPR)

RESUMO

Paulo Leminski estabeleceu, a partir de sua casa, no bairro do Pilarzinho, em Curitiba, uma importante rede literária, que impactou sua vida e obra. Neste artigo, examinaremos brevemente o conceito de rede a fim de entender como ela foi desenvolvida no caso do poeta paranaense. Para tanto, verificamos o contexto histórico e geográfico em que essas articulações e desarticulações interpessoais aconteceram, e sublinhamos a relevância que sua cidade natal exerceu na necessidade de criação dessa rede e em seu posterior desenvolvimento.

Palavras-chave: Redes Literárias. Biografia. Paulo Leminski. Curitiba.

EL PAPEL DE LA RED LITERARIA EN LA MITIGACIÓN DEL AISLAMIENTO SOCIAL Y GEOGRÁFICO: LOS ENTRAMADOS DE PAULO LEMINSKI

Resumen: Paulo Leminski estableció, desde su casa, en el barrio de Pilarzinho, en Curitiba, una importante red literaria, que marcó su vida y obra. En este artículo, examinaremos brevemente el concepto de red para comprender cómo se ha desarrollado en el caso del poeta paranaense. De este modo, nos fijamos en el contexto histórico y geográfico en el que se produjeron estas articulaciones y desarticulaciones interpersonales, y subrayamos la relevancia que su ciudad natal ejerció en la necesidad de crear esta red, y en su posterior desarrollo.

Palabras clave: Redes Literarias. Biografía. Paulo Leminski. Curitiba.

THE ROLE OF THE LITERARY NETWORK IN MITIGATING SOCIAL AND GEOGRAPHICAL ISOLATION: THE WEAVINGS OF PAULO LEMINSKI

ABSTRACT

Paulo Leminski established, from his home, in the neighborhood of Pilarzinho, in Curitiba (capital of Paraná, Brazil) an important literary network, which affected his life and work. In this article, we will briefly examine the concept of network to understand how it was developed in the case of the poet from Paraná. To do so, we examine the historical and geographical context in which these interpersonal articulations and disconnections took place, and we underline the relevance that his hometown exerted in the need to create this network, as well as in its subsequent development.

Keywords: Literary Networks. Biography. Paulo Leminski. Curitiba.

¹ Artigo final da disciplina *Redes Singulares, Escritas Nômades e Políticas do Afeto* ministrada pela Professora Dra. Isabel Jasinski

INTRODUÇÃO

Este artigo concentra seus esforços na análise da trajetória literária e biográfica de Paulo Leminski, com o objetivo de refletir sobre os elos que estabeleceu com seus pares, isto é, escritores, poetas, compositores e pensadores com os quais compartilhou não apenas um mesmo momento histórico, mas também afetos, projetos, ideias e ideais. Em outras palavras, buscamos jogar luz sobre a rede literária tecida pelo poeta com artistas locais, bem como com gente de longe, de outras cidades, estados e regiões. Este mapeamento nos permitirá sublinhar alguns impactos que esta rede teve em sua vida e em sua literatura.

Nascido em Curitiba, a 24 de agosto de 1944, Paulo Leminski produziu grande parte de sua obra literária no final da década de 1970 e durante os anos de 1980. Publicou poesia, literatura infantil, biografias, contos, ensaios, artigos, novelas, roteirizou quadrinhos, criou slogans publicitários, escreveu e compôs músicas e teve quatro filhos. Foi uma figura conhecida e admirada, tanto pela verve e pelo talento com as palavras quanto pelas polêmicas, que cultivou nos círculos pessoais, literários e ideológicos. O reconhecimento veio ainda em vida, com a publicação de livros, antologias e gravação de poesias e letras de música por compositores famosos. A popularidade, no entanto, foi póstuma. Recebeu seu único prêmio Jabuti em 1995, seis anos após sua morte, e tornou-se um best-seller em 2013, com a antologia “Toda Poesia”, feita pela Companhia das Letras.

Toda essa trajetória se deu na capital paranaense, de onde nunca saiu em definitivo. Importante ressaltar que os laços afetivos e criativos da rede literária que analisaremos, não foram estabelecidos apenas por Leminski, mas também por Alice Ruiz, poeta e companheira, mãe de três de seus filhos: Miguel, Estrela e Áurea. O enfoque deste artigo estará na rede estabelecida a partir de Leminski, no entanto, Alice é parte importante da amarração e também teceu suas próprias conexões, bastante particulares, das quais seu companheiro não era protagonista. Como exemplo, pontuo as relações de amizade e parceria artística que Alice estabeleceu com Itamar Assunção (nas músicas “Abobrinhas não”, lançada em 1998 no disco “Pretobrás”; “Devia ser proibido”, lançada em 2010 no disco “Pretobrás III”, além de inúmeras outras parcerias gravadas por outros compositores) e Cássica Eller (que gravou “Socorro”, parceria de Alice com Arnaldo Antunes, no disco “Cássica Eller” de 1994; “Cássica Eller ao vivo”, de 1996;

e “Violões”, de 2010)². Sendo uma das poetisas brasileiras mais importantes da contemporaneidade, Alice continua estabelecendo parcerias com compositores de enorme relevância como o já citado Arnaldo Antunes, Alzira E, Ná Ozzetti, Ceumar, Zélia Duncan, Ney Matogrosso, Iara Renó, Filipe Catto, Rogéria Holtz, Carlos Navas, Zeca Baleiro, José Miguel Wisnik e outros.

1. DITADURA E DESBUNDE

Existe outro ponto importante a ser considerado antes de assentarmos nosso conceito de rede literária: os contextos histórico e geográfico em que ela foi estabelecida. Neste período - final dos 1970 e década de 1980 - as feridas da ditadura ainda encharcavam de sangue a atadura esponjosa da redemocratização. Os piores momentos dos anos de chumbo, pós AI-5, assinado em dezembro de 1968 por Costa e Silva, já haviam passado, mas ainda se vivia debaixo de uma Ditadura Militar repressiva, com censura, torturas e desaparecimentos. No plano cultural, em resposta à brutalidade política que tentava emparedar e homogeneizar o tecido social, pulsava a contracultura e seu movimento de *desbunde*.

Bruno Delecave de Amorim, no livro “Imprensa Alternativa Brasileira e a Contra Cultura”, explica que a palavra *desbunde* é uma gíria brasileira emergida durante os anos 60, que a princípio designava apenas quem abandonava a luta armada. No entanto, ela foi sofrendo transformações rápidas em seu significado até incluir “toda figura interessada em contracultura a ponto de viver seus ideais.” O emprego da gíria, ainda segundo Amorim, não ficou restrita aos círculos trotskistas ou marxistas, pelo contrário, ganhou o domínio público, particularmente com a ascensão da *Tropicália* ao gosto popular. O termo se tornou tão corriqueiro que foi convertido em verbete de dicionários respeitadas, como o *Aurélio*, em que recebe a acepção de “1. Ato ou efeito de desbundar. 2. Deslumbramento; loucura. Definir 'desbunde' como loucura ou deslumbramento parece um pouco superficial, mas é assim mesmo que a sociedade sempre viu os hippies: como loucos.” (AMORIM, 2011, p. 13). O biógrafo e amigo de Leminski, Toninho Vaz, em entrevista concedida a Bruno Delecave, traça um paralelo entre o desbunde e o estigma social que ele produz.

A esquerda no Brasil refletia influências da revolução russa, chinesa ou apenas marxista, com base na divisão de trabalho, etc. O foco era a liberdade política e suas conseqüências no socialismo da economia. O prazer, o investimento hedonista, as

² A lista completa de parcerias musicais de Alice Ruiz pode ser consultada no site do *Instituto Memória Musical Brasileira* (IMMuB): immub.org.

águas de Eros, estas tinham o estigma do pecado, eram desvio típico dos “porraloucas” e “desbundados”. Embora utilizando os mesmos meios da contracultura, no que tange a clandestinidade, a esquerda (clandestina ou não) fazia o papel da formiga na fábula com a cigarra. Hoje sabemos que – sem remorso – é possível ser formiguinha durante o dia e cigarra à noite. A terceira via é ser cigarra o tempo todo e foda-se o mundo. (VAZ, Toninho apud AMORIM, Bruno Delecave de, 2011, p. 13)

Parece-me relevante este depoimento de Toninho Vaz, pois Leminski certamente está localizado nesta “terceira via”, cujas consequências para o estabelecimento de sua rede literária serão notáveis, posto que o “estigma do pecado” e o “investimento hedonista” estão estreitamente ligados ao seu contexto geográfico: a cidade de Curitiba, sobre a qual trataremos no próximo tópico.

O trajeto biográfico de Leminski até o *desbunde* e a contracultura é bastante orgânico, no sentido que nenhuma força externa operou para que empurrá-lo nessa direção. Foram suas próprias escolhas, na vida e na literatura, que o conduziram e reforçaram sua identificação com um modo pouco tradicional, especialmente do ponto de vista de um curitibano médio, de levar a vida, de olhar a política e de praticar a poesia.

Permito-me fazer um recorte brusco, e muito pontual, na biografia de Leminski para melhor explicar seu mergulho e sua devoção à contracultura em meio à violência da Ditadura Civil-Militar. Por volta de 1967, Leminski estreita sua ligação com alguns poetas locais, como Ivan da Costa, Lélío Sottomaior Jr., Alice Ruiz, Pedro Leminski, Carlos João e sua primeira esposa, Neiva, para conformar o que seria seu grupo inaugural de vanguarda literária, nomeado de *Áporo*.

Afinal, tinha encontrado em Lélío e Ivan dois afinados interlocutores, ambos, como ele, comprometidos com o “novo”. Como elemento comum e aglutinador, os três apresentavam em seus discursos e comportamento um certo tom de revolta que acabaria por se transformar no leitmotiv da juventude dos anos 60. Deste encontro sairia muita faísca, ou melhor, a criação de um grupo que seria batizado de *Áporo*, uma referência a um poema de Carlos Drummond de Andrade. A ideia era concentrar a atividade intelectual nas três áreas — literatura, cinema e música — e partir para a publicação e editoração de artigos em jornais e revistas. Planejavam “cerrar fogo na produção intelectual para afastar a pasmaceira que reina na cidade”.(VAZ, Toninho, 2009, p. 59)

No *Áporo*, segundo Toninho Vaz, Leminski começou a exercer liderança e posicionar o grupo como um arauto das novas tendências da arte, a dizer, das vanguardas. O grupo lançou um manifesto de 30 laudas e em meio a elas costuraram críticas severas aos literatos importantes da época, particularmente Dalton Trevisan, a quem acusavam de trazer atrás de si uma horda de “daltônicos”. A estratégia da polêmica funcionou e o artigo repercutiu, em especial na Boca Maldita (ponto de encontro de intelectuais locais), o que gerou uma série de artigos em

represália. (VAZ, 2009, p. 65). Vaz cita uma reportagem da época, publicada no *Diário do Paraná*, que trazia uma foto do grupo em sua formação completa, e cuja legenda explicava que ele havia nascido “para fazer de Curitiba uma cidade de homens que, face às coisas da cultura, tomem partido em termos agressivos”. (Ibid., p. 74). Foi nesta mesma época que Leminski se aproximaria de Alice Ruiz (que pouco depois de entrar para o Áporo se tornaria sua companheira) e iniciaria uma aproximação mais radical com a contracultura.

Enquanto intensificavam-se as doses diárias de “birita”, Leminski deixava o cabelo e abarba crescerem e mostrava-se cada vez mais relaxado com as roupas, perdendo o aspecto bem comportado de seminarista. Continuava evitando tomar banho e, como novidade, passaria a cometer o mesmo desleixo com os dentes, escovando-os apenas esporadicamente. Usava óculos escuros redondos e segurava constantemente um cigarro entre os dedos. O apartamento do São Bernardo transformara-se em ponto de encontro de alunos e intelectuais que chegavam atraídos pelo magnetismo do jovem poeta, que segundo os jornais “já tinha reconhecimento nacional”. (VAZ, Toninho, 2009, p. 87)

Entre os que frequentavam o apartamento do São Bernardo, onde Leminski morava na época, estava o escritor Wilson Bueno, que pouco depois seria o editor do jornal *Nicolau*. Em depoimento a Toninho Vaz, ele comenta: “O reduto liberal da cidade era o São Bernardo e o seu mentor Paulo Leminski, que ficava deitado nas almofadas lendo Spengler, *A decadência do Ocidente*, enquanto eu namorava o Darci.” (BUENO apud VAZ, 2009, p. 89). Ivan da Costa, também em depoimento a Toninho Vaz, explica a motivação daqueles anos de juventude: “A postura iconoclasta seria um fenômeno mundial, uma atitude de contracultura diante de um país vivendo os ‘anos de aço’ da ditadura militar. Éramos rebeldes com boas causas. Na França os motivos eram outros, mas a reação foi a mesma.” (COSTA apud VAZ, 2009, p. 89). Mesmo o consumo de maconha, segundo Ivan, tinha um significado especial: a ideia era de fazer frente ao sistema e quebrar a estrutura política vigente.

É possível identificar nesse recorte biográfico um pequeno vislumbre do primeiro grito público de inconformidade de Leminski contra os padrões literários estabelecidos e o sistema político de então (através do grupo Áporo), e a conformação de um primeiro núcleo de articulação entre amigos, artistas e intelectuais (que se reuniam no apartamento do São Bernardo), uma espécie de ensaio para uma verdadeira rede literária.

O apartamento do São Bernardo configura-se também como outro tipo de ensaio: a conformação de um espaço físico, que sempre tem no lar de Leminski (e posteriormente também de Alice Ruiz) seu centro gravitacional, ao redor do qual orbitam elos de sua rede literária. Eram amigos, artistas, jornalistas e intelectuais locais e de fora, que percebiam no

apartamento do São Bernardo, e em seguida (e muito mais intensamente) na casa da Cruz do Pilarzinho, um local seguro onde se agrupar não apenas para festejar, mas também para compartilhar ideias contraculturais, planos literários vanguardistas, perspectivas políticas revolucionárias e, como mencionado por Ivan da Costa, consumir drogas (consumo aqui entendido não apenas como um ato simplesmente hedonista, mas também como um ultraje às normas sociais e culturais). No caso de Leminski, a conformação desse espaço físico ao redor de si, se constrói no meio de uma cidade extremamente conservadora, com a qual desenvolve uma relação que mistura afeto e repulsa, desejo de pertencimento e necessidade de autoafirmação de sua identidade.

2. CURITIBA, UM ABISMO E AS VANGUARDAS

Sua cidade natal, seu cativo e orgulho, a cidade de Curitiba é uma recorrência sempre paradoxal na literatura de Leminski. Paradoxal, pois é conservadora, reacionária, fria, pouco inspiradora e, ao mesmo tempo, parte importante de sua identidade, algo que o distingue. Leminski escreveu ensaios, artigos e poemas sobre a cidade. Em um de seus textos mais instigantes, chamado “Sem sexo, neça de criação”, parte do livro “Ensaio e Anseios Críticos”, Leminski esforça-se para compreender os motivos que levam Curitiba, “a mais típica cidade de classe média do Brasil”, a não valorizar a cultura, pior, a não produzi-la e, em certo sentido, até mesmo a estigmatizá-la. O “estigma do pecado”, é claro, estende-se a seus artistas, e nada é mais eficaz que um estigma social para que alguém se sinta exilado entre os seus. O poeta enxerga um processo histórico por trás desta característica da capital paranaense, processo este que descende dos imigrantes, responsáveis por dar à capital suas mais notórias características: em Curitiba, tudo antes deles “é apenas moldura”; e tudo depois deles, gira em torno da “mística do trabalho”: “Quem dá o tom em Curitiba é o imigrante” (LEMINSKI, 2012, p. 112).

Segundo esta *mística*, apenas através do trabalho, da ralação e do suor é possível alcançar objetivos e ascender na escala social. Ela foi muito útil aos imigrantes, que não tinham outra forma de vencer na vida que não trabalhando de sol a sol e salvando cada centavo que podiam. Segundo a *mística imigrante do trabalho*, é preciso ser persistente e submisso ao relógio e ao capital, é imprescindível economizar (o que dá origem à *mística da poupança*), afinal, como diz o dito popular muito usado no Paraná: “o trabalho dignifica o homem”. Ou, como Leminski faz questão de resumir:

E o imigrante, entre outras coisas, desenvolveu a mística do trabalho. E a mística do trabalho está intimamente ligada à repressividade sexual, que é a principal responsável pela escassa produtividade cultural que a cidade tem demonstrado (pode mudar, há indícios). A mística imigrante do trabalho é uma mística contra o prazer, contra o corpo, uma mística de tipo puritano, calvinista, que reprime o prazer para canalizar as energias todas do indivíduo para o trabalho material. Ela começa na repressão da vida sensorial, do lúdico, do erótico. (LEMINSKI, Paulo, 2012, p. 112).

Dessa forma, não é difícil imaginar qual seria o maior dos pecados, aquele que gestaria o estigma social: ser “vagabundo”. Este *ser* é aquele avesso à disciplina capitalista, é a *cigarra* e não a *formiga* (como exposto por Toninho Vaz), aquele que não poupa, mas usufrui, aquele que esbanja. Este *ser* é daqueles dados às coisas do espírito. E quem seria um vagabundo típico? O poeta, é claro, quem não produz nada além de linguagem.

Só por excesso se cria. Por uma exuberância. Ora, para a mística imigrante do trabalho e da poupança toda exuberância é prodigalidade, insensatez, erro. Em cultura, Curitiba não emite sinais fortes, sinais transformadores, extremos, extremismos, exageros. Curitiba guarda-se. Guarda a sensualidade, a sexualidade, o lúdico, só os gastando com parcimônia, moderação, cálculo. No Juízo, responderemos por cainhos. [...] Negado, reprimido, tendo suas energias canalizadas para outras finalidades, o sexo se vinga em impotência, frigidez, insuficiências. Sim, mas o que é que tudo isso tem que ver com criatividade artística, perguntará o leitor. E eu responderei: tudo. Simplesmente tudo. (LEMINSKI, 2012, p. 113, 114)

Na tentativa de encontrar um lugar para si e para sua literatura nessa Curitiba sem exuberância, Leminski começa a tecer sua rede (sempre ao lado de Alice Ruiz). Um ponto nodal desta tecitura é a residência do casal, particularmente sua segunda casa, na Cruz do Pilarzinho. O jornalista Toninho Vaz, que muito frequentou a casa dos poetas, escreveu uma passagem a respeito do tema em sua biografia “O bandido que sabia latim”.

A casa da Cruz do Pilarzinho seria muito frequentada a partir da segunda metade dos anos 70. Leminski costumava se referir ao fenômeno como uma particularidade de Curitiba, uma cidade culturalmente dividida em “guruatos”, espaços administrados por gurus. Assim, ele identificava “o guruato do Oraci Gemba, no teatro; o guruato do Karam, também no teatro. O guruato do Sylvio Back, com a turma do cinema. Temos ainda o guruato da Boca Maldita, uma região cheia de profetas”. E se autodefinia: — Eu fico com os marginais. Fui empossado Ministro-Sem-Pasta da Marginália. (VAZ, 2009, p. 185)

No começo deste sub-tópico, afirmei que as aparições de Curitiba na literatura de Leminski são uma *recorrência paradoxal*. A pesquisadora Sandra Novaes, em “O reverso do verso”, tem uma percepção similar. No entanto, ela utiliza outra expressão: trata-se de uma *luta ambígua* entre o poeta, sua cidade natal e o bairro do Pilarzinho, onde morou desde o início dos anos 1970 até o começo de 1988, ano de sua morte: “amor e ódio, liberdade e limites, reconhecimento e rejeição, extensão do corpo e recolhimento do espírito, encaixe e desencaixe.” (NOVAES, 2003, p. 84). Segundo Novaes, um dos méritos de Leminski é o de ter conseguido transformar esse espaço geográfico – Curitiba e o Pilarzinho – num lugar de assentamento poético, difundido e reconhecido, e por mais que queira abandoná-lo, é difícil para ele aceitar esse

afastamento, essa falta – e assim permanece na cidade, em seu bairro, notando a distância que há entre ele e seus pares.

Há um olhar crítico que a descreve e aos que nela vivem: "Vestir é dizer. A que classe pertencemos. Qual é a nossa idade. Que tipo de vida desejamos. A vestimenta é uma palavra dita com o corpo todo [...]. É célebre a preferência pelos tons cinza, marrom, ou azul-escuro na roupa do curitibano, avesso a escândalos e exageros. O curitibano médio não pratica o relacionamento instantâneo [...] intimidades súbitas..." . Ou ainda: "...Curitiba é uma cidade de caretas. Jamais vou virar estátua aqui porque tenho uma bagana no bolso. A minha missão é outra!" . O pior é que Leminski virou estátua com a inauguração do Parque da Ciência em 2002, uma estátua muito mal feita, que do poeta quase não tem nada. Acredito que por um lado isso o deixaria "aparentemente" furioso mas por outro, imagino que o ego falaria mais alto. (NOVAES, Sandra, 2003, p. 86)

Ao mesmo tempo em que deseja ir embora de Curitiba, abandonar o Pilarzinho, Leminski reafirma e preserva características que o fazem um curitibano, como seu sotaque: "Meu sotaque é um dado cultural. Eu o preservo a todo custo. [...] Profanar meu sotaque seria jogar minha alma pela janela." (LEMINSKI apud NOVAES, 2003, p. 87). Essa recorrência paradoxal, ou luta ambígua, entre poeta e cidade é essencial para entendermos de que maneira a rede literária foi tecida por Leminski.

3. REDE LITERÁRIA E A CRUZ DO PILARZINHO

Antes de mergulharmos na rede tecida por Leminski, assentaremos nossa ideia do que é, conceitualmente, uma rede literária. Para tanto, nos guiaremos pelo artigo "Conceito de rede e as sociedades contemporâneas", de Ana Lúcia S. Enne. Não raro, segundo a autora, o conceito de rede é pensado como um sistema de interrelação social. Diferentes pesquisadores, mormente vindos das Ciências Sociais, esboçaram seu próprio entendimento, no entanto, há um ponto que os une: o aspecto definidor do que seria uma *rede* é sua capacidade de articulação e rearticulação permanente. (ENNE, 2004, p. 264).

Em seu artigo, Ana Lúcia registra brevemente o histórico conceitual acumulado em torno do tema. Três ideias citadas por ela nos interessam em particular. A primeira foi formulada por Ulf Hannerz, para quem as sociedades complexas não podem ser percebidas a partir de uma dicotomia entre a estrutura social e a estrutura cultural. O que ordena a composição social, e a mantém em permanente mobilidade, são justamente os fluxos de informação, sua materialização e distribuição. Por isso, as redes de interação social, nas sociedades complexas, são também redes de interação cultural: as trocas se dão em movimentos contínuos entre os

atores sociais, as fronteiras são fluidas e tendem a se reordenar a partir dos contextos e interações específicas. (ENNE, 2004, p. 268, 269).

Neste ponto, ainda segundo Ana Lúcia, as ideias de outro pesquisador, Frederick Barth, entram em consonância com Hannerz, pois para ele as práticas interativas são as geradoras da produção da cultura. A consequência disso é a existência de inúmeras possibilidades de arranjos e negociações, a depender da disposição das fronteiras e do potencial dos contatos entre os agentes sociais. Dessa forma, a sociedade se constituiria a partir de uma construção e desconstrução permanentes, as quais obedecem demandas contextuais oriundas do processo de interação social e cultural. (ENNE, 2004, p. 269).

Antes, porém, para fecharmos esta reflexão, podemos utilizar o conceito de rede proposto por Epstein, juntamente com os pontos abordados até aqui, para apresentar algumas idéias centrais acerca do que estamos chamando aqui de *rede*: trata-se de um tipo de configuração social que não pode ser considerado um grupo ou agrupamento, por seu caráter fluido e pela ausência de uma unidade entre os membros, pois teste não estão necessariamente todos em contato uns com os outros, de forma direta, em prol de um objetivo comum, como no caso de um grupo; as relações de dão através de links entre os agentes, de forma interpessoal, marcados por um fluxo de informações, bens e serviços, que irão resultar em processos de interação cujas fronteiras não são estáticas, mas se encontram em permanente construção e desconstrução. (ENNE, Ana Lúcia S. 2004, p. 270)

Gostaria de fazer uma diferenciação. Até aqui, estamos tateando a ideia de *rede*, no entanto, ainda não especificamos de que tipo de rede estamos falando. Na introdução do livro “Redes Intelectuales en America Latina”, Eduardo Devés-Valdés é didático ao definir as condições para a existência de uma rede dessa natureza: “Se entiende por tal a un conjunto de personas ocupadas en la producción y difusión del conocimiento, que se comunican en razón de su actividad profesional, a lo largo de los años.” (DEVÉS-VALDÉS, 2007, p. 30). O intelectual compreende um espectro amplo de sujeitos, não apenas professores e acadêmicos, mas também escritores, políticos, lideranças sociais, profissionais liberais e diplomatas. Os contatos, da mesma forma, podem se dar de inúmeras maneiras: pessoalmente, via telefone, congressos, campanhas, citações recíprocas, publicações, resenhas, comentários e outros. Tais contatos, frisa o autor, precisam de frequência ou densidade, do contrário não constituiriam uma rede intelectual. (DEVÉS-VALDÉS, 2007, p. 30).

Neste artigo, utilizamos a expressão *rede literária* para designar as permanentes articulações e rearticulações relacionais de Leminski. Optamos por esse caminho por alguns motivos, a começar pelo fato de que a centralidade dessas relações não está, como nos casos descritos por Devés-Valdés, na produção e difusão de conhecimento, mas sim na *palavra* e no *afeto*. A rede

de Leminski não estava circunscrita a escritores, poetas, contistas, ensaístas, mas envolvia também músicos, publicitários, jornalistas, fotógrafos, ou seja, gente interessada em arte e cultura. Contudo, tomando Leminski como um ponto nodal, a rede tecida ao seu redor se constitui pelo apreço (amor, paixão, ou seja, um sentimento caloroso) pela *palavra*, esteja ela num poema, num romance, numa canção, no diálogo de um filme ou no não-dito da fotografia. Paralelamente, esta articulação de pessoas não se conectava simplesmente pelo dever de propagar informação, mas pelo *desejo* (querência, vontade, isto é, um sentimento que envolve afeto) de estar junto, de conversar, de impactar a vida e o trabalho alheio.

Em outras palavras, esta é uma rede relações de amizade, camaradagem e companheirismo que não está atrelada ao dever de propagar informação ou de esclarecer a sociedade sobre algum tema de vital relevância; está atrelada ao devir artístico e cultural como uma forma de resistência e de existência num estado repressivo e numa sociedade conservadora. Esta *rede*, como exposto por Ana Lúcia S. Enne, não tem fronteiras definidas, tampouco unidade entre seus membros, é fluida e em permanente constituição e desconstituição, de acordo com contextos específicos (como uma festa, uma reunião, um jantar com o objetivo de estabelecer uma parceria musical, uma troca de cartas, uma revista, uma antologia e assim por diante).

Isto posto, explanaremos as características mais notáveis da rede tecida por Paulo Leminski e alguns reflexos dela em sua vida e obra. Neste momento da análise, é válido termos presente os ecos da relação paradoxal do poeta com a cidade de Curitiba. Lembremos aqui do “estigma social” do *ser* essencialmente vagabundo, o poeta, e como esse estigma o empurra para as bordas da cidade, o isola socialmente, criando uma sensação de não-pertencimento, de exílio.

Uma maneira de responder a esse estigma e mitigar a sensação de isolamento era justamente encontrar seus pares, construir relações baseadas nos valores e nos interesses em comum (a linguagem, a poesia, a música, a contracultura, etc.), uma espécie de *bunker* dos deslocados, dos vagabundos: esse local poderia ser um bar ou uma praça, mas não raro era a casa de Leminski e Alice na Cruz do Pilarzinho. Reforço a importância da casa dos dois poetas, pois além de ser um espaço íntimo da família, era também um território de liberdades para os convivas: ali se podia falar sem censura, consumir drogas, namorar, conhecer outros vagabundos e vagabundas - em certa medida, era possível exercitar um modo de existência mais honesto consigo mesmo, era permitido revelar-se, mostrar-se aos demais sem que tal exposição

se tornasse ameaça física a sua vida. Afinal, e sobretudo, isso era possível numa cidade extremamente reacionária, em plena Ditadura Militar.

Uma característica imediatamente notável na rede literária tecida por Leminski é um duplo engajamento do poeta, ou, lendo de outra perspectiva, uma dupla forma de contato entre os membros. O primeiro engajamento é com artistas locais, de Curitiba e região, que se reuniam e se encontravam frequentemente (em bares, praças e também na casa da Cruz do Pilarzinho). Entre os membros locais, muitos eram da Cooperativa de Escritores (de literatura bastante engajada), como Reinoldo Atem, Raimundo Caruso, Hamilton Farias e principalmente Domingos Pellegrini. Outro frequentador contumaz era o também paranaense Toninho Vaz, que afirmou que “festas e tertúlias, encontros profissionais e churrascos se sucediam em ritmo de cavalaria rusticana” e que desta forma a Cruz do Pilarzinho se convertia num dos “elementos mais autênticos do *underground* curitibano”. (VAZ, 2009, p. 209).

O segundo engajamento é com gente de fora, pois a casa de Leminski e Alice foi também a hospedaria de viajantes conhecidos. Entre os visitantes de fora está gente como Caetano Veloso, Gilberto Gil, Jards Macalé, Moraes Moreira, Jorge Mautner, Zé Celso, Noilton Nunes, Itamar Assumpção, Regis Bonvicino e muitos outros. Esses contatos não se davam apenas pessoalmente, mas também via telefonemas e cartas, vide o livro “Envie meu dicionário”, que reúne as missivas enviadas por Leminski a seu amigo Regis Bonvicino, morador da cidade de São Paulo. Destacamos aqui os contatos pessoais, ou seja, o deslocamento físico de pessoas em direção a Leminski, pois isso indica um grande esforço para manter laços de amizade e parcerias artísticas. Ademais, o contrário também acontecia: por vezes o poeta foi até o sudeste, e também a Salvador, a fim de estreitar laços com seus pares e fomentar novos contatos. Régis Bonvicino, na introdução à primeira edição de “Envie meu dicionário”, comenta a respeito dessas viagens. Segundo ele, tais deslocamentos revelam o desejo de Leminski aproximar-se dos lugares mais fervilhantes culturalmente e de lá reunir-se com outros poetas: “o trajeto Curitiba-São Paulo, tantas vezes por ele percorrido e os trajetos Curitiba-Rio e São Paulo-Bahia com importância, para ele, cultural; o Leminski gregário, em busca de diálogo com vozes de outras cidades, atento ao que se fazia fora de Curitiba, preocupado em conviver.” (BONVICINO. In: LEMINSKI; BONVICINO, 2007, p. 23).

Esse procedimento não era apenas corriqueiro, era também antigo. Uma das primeiras viagens de Leminski foi em 1963. Com a ajuda financeira de seu amigo Luiz Felipe Ribeiro, embarcou

para Belo Horizonte, onde acontecia a *I Semana Nacional de Poesia de Vanguarda*, capitaneada pelos poetas Affonso Ávila e Affonso Romano Sant'anna. Foi lá que Leminski conheceu um de seus ídolos, de quem se tornaria próximo: Haroldo de Campos. Vinte anos depois, em 1983, o concretista relataria este encontro num texto publicado junto à primeira edição de *Caprichos & Relaxos*.

Foi em 1963, na Semana Nacional de Poesia de Vanguarda, em Belo Horizonte, que o Paulo Leminski nos apareceu, dezoito ou dezenove anos, Rimbaud curitibano com físico de judoca, escandindo versos homéricos, como se fosse um discípulo zen de Bashô, o Senhor Bananeira, recém-egresso do Templo Neopitagórico do simbolista filelênico Dario Veloso. (CAMPOS, Haroldo. In: LEMINSKI, Paulo, 2014a, p. 394)

Leminski viajou de ônibus quase mil quilômetros a fim de conhecer de perto os grandes nomes do Concretismo, vanguarda que vinha fazendo sua cabeça. (VAZ, 2009, p. 68, 69). Neste encontro, o paranaense conheceria Pedro Xisto, o artista Waldemar Cordeiro, os críticos Roberto Pontual e Luiz Costa Lima, e principalmente Décio Pignatari e sua esposa Lila, além de Augusto e Haroldo de Campos. Leminski ainda acolheu o pedido de Augusto e da mulher Lygia para fazer uma rápida visita a sua casa, em São Paulo, antes de voltar a Curitiba, estreitando os laços. O encontro foi decisivo para a poesia de Leminski: a primeira vez que foi publicado, já numa sequência de cinco poemas, foi na revista *Invenção*, dirigida por Décio Pignatari. Significa dizer que a estreia de Leminski como autor publicado já se deu sob duas circunstâncias importantes: aconteceu nos primórdios do golpe civil-militar e com a mediação direta dos criadores da vanguarda concretista. Podemos dizer que, nesta viagem, sua *rede literária* começava a ser tecida. Em entrevista a Régis Bonvicino, publicada no jornal GAM de 1976, e incluída na dissertação de Renan Nuernberger, “Inquietudo – uma poética possível no Brasil dos anos 70”, Leminski recorda estes primeiros encontros:

Minhas ligações com o movimento concreto são as mais freudianas que se possa imaginar. Eu tinha dezessete anos quando entrei em contato com Augusto, Décio e Haroldo. O bonde já estava andando. A cisão entre concretos paulistas e neoconcretos cariocas já tinha acontecido. Olhei e disse: são esses os caras. Nunca me decepcionei. Neste país de pangarés tentando correr na primeira raia, até hoje eles dão de dez a zero em qualquer um desses times de várzea que se formam por aí. Só que descobri que há uma verdade e uma força nos times de várzea, nessa várzea subdesenvolvida, que eu quero. A qualidade e o nível da produção dos concretos é um momento de luz total na cultura brasileira, como diz Risério. Mas eles não sabem tudo. A coisa concreta está de tal forma incorporada à minha sensibilidade que costumo dizer que sou mais concreto que eles: eles não começaram concretos, eu comecei. (LEMINSKI, Paulo apud NUERNBERGER, Renan, 2014, p. 208, 209)

Outro exemplo destes deslocamentos de Leminski aconteceu em janeiro de 1980. Segundo Toninho Vaz, ele viajou para Salvador junto à filha Áurea e a companheira Alice Ruiz, hospedando-se na casa do poeta Erthos Albino. Lá, Leminski frequentaria a Boca do Rio, um *point* da época, onde se reencontraria com Caetano Veloso, Moraes Moreira, Jorge Mautner, Waly Salomão, veria Paulinho Boca de Cantor, Baby Consuelo, Pepeu Gomes, Maria Bethânia

e Dona Canô. Foi também em Salvador que Leminski e Alice conheceriam o terreiro de Stella de Oxóssi, a Mãe Stella. (VAZ, 2009, p. 221). Esta visita ao terreiro de candomblé, levou Leminski a escrever o artigo *Alegria da senzala, Tristeza das missões*, que depois seria incluído na biografia *Cruz e Sousa - o negro branco*, tornando-se parte do capítulo intitulado *sem(zala)*. No trecho introdutório deste artigo, que foi suprimido de *sem(zala)*, Leminski registra suas impressões sobre a visita.

Assim, de repente, no meio da esbórnica que este povaréu faz para o Senhor do Bonfim, face visível do orixá Oxalá, nesta Salvador, 1980, a noite atroada de trios elétricos, Hendrix tocando Capiba, o curitibano, até que não tão de samba assim, matuta em como foi distinto o destino da senzala. Onde saiu este Brasil norte, e o destino das Missões, matriz longínqua do sul nosso de cada inverno que eu vou te contar. (LEMINSKI, Paulo, 2012, p. 26)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se, portanto, que se manter em contato com artistas de fora, seja por cartas ou pessoalmente, era vital para Leminski desde o início de sua carreira literária. Durante as reuniões e conversas na Cruz do Pilarzinho, Leminski compartilhava com os convivas suas novas empreitadas artísticas. Em sentido inverso, usava boa parte destes mesmos convivas como referência e inspiração para poemas, ensaios e biografias. Suas obras são ricas em menções diretas a seus amigos, o que pode ser lido, inclusive, como um procedimento estético e autobiográfico do poeta. Entre os mais mencionados estão Gilberto Gil, Itamar Assunção, Caetano Veloso, Alice Ruiz e Haroldo de Campos³. Além disso, muitos deles também escreveram paratextos para suas obras, como o caso de Haroldo, Caetano, Alice, Wilson Bueno, etc. Isso sem falar nas parcerias musicais com o próprio Caetano, além de Moraes Moreira, Paulinho Boca de Cantor, Itamar Assunção, Blindagem, A Chave, Guilherme Arantes, Marta Strauch, Ney Matogrosso, Zeca Baleiro e muitos outros.

Não é difícil supor que as amizades e parcerias que Leminski nutria com gente de fora, pessoas reconhecidas e admiradas em seus campos, algumas delas já ídolos da música popular, acabaram por reforçar regionalmente sua importância como “guru” (emprestando aqui um termo jocoso do próprio poeta), isto é, como referência na arte e na cultura, como o vanguardista local por excelência e reconhecimento. Assim, Leminski aprofundava-se como centro

³ Sobre referência como procedimento estético e autobiográfico de Leminski, bem como o mapeamento dessas referências e menções, particularmente nas biografias escritas pelo poeta, sugiro a leitura de minha dissertação “O percurso de Paulo Leminski em *Vida: a biografia de uma autobiografia*”, de onde retirei parte dos argumentos utilizados neste artigo.

gravitacional que apreendia atenções, capturava amigos, parceiros e admiradores que orbitavam sua zona de influência, mitigando a sensação de isolamento causada por Curitiba, tecendo mais elos em sua rede literária e alimentando sua literatura, ao oferecer-lhe novas fontes, inspirações e referências a serem incluídas em suas obras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMORIM, Bruno Delecave de Amorim. **Imprensa Alternativa Brasileira E A Contra Cultura**. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2011.

BELLÉ, Jr. **O percurso de Paulo Leminski em *Vida*: a biografia de uma autobiografia**. 2017. Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Escola de Ciência, Artes e Humanidades da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. **Redes Intelectuales en América Latina - Hacia la Constitución de una Comunidad Intelectual**. Santiago de Chile: Instituto de Estudios Avanzados Universidad Santiago de Chile, 2007.

ENNE, Ana Lúcia S., **Conceito de rede e as sociedades contemporâneas**. Revista Comunicação e Informação, v. 7, n. 2, julho - dezembro, p. 264-273, 2004.

LEMINSKI, P.; BONVICINO, R. (Org.). **Envie meu dicionário: cartas e alguma crítica**. São Paulo: Ed. 34, 2007.

LEMINSKI, P. **Agora é que são elas**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

LEMINSKI, P. **Ensaio e anseios crípticos**. 2 Ed. Campinas: Editora Unicamp, 2012.

LEMINSKI, P. **Toda Poesia**. São Paulo: Companhia das Letras, 17ª reimpressão, 2014a.

LEMINSKI, P. **Um escritor na biblioteca: Paulo Leminski**. Curitiba: BPP/SECE, 1985.

LEMINSKI, P. **Vida**. São Paulo: Companhia das Letras, 3ª reimpressão, 2014b.

NOVAES, S. **O Reverso do Verso – Paulo Leminski Filho: A biografia de uma obra**. Curitiba: UFPR, 2003.

NUERNBERGER, Renan. **Inquietudo – uma poética possível no Brasil dos anos 1970**. Dissertação (Mestrado em Teoria Literária e Literatura Comparada) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

PEDROSA, C. **Paulo Leminski: sinais de vida e sobrevida**. Revista ALEA: Estudos Neolatinos. Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, janeiro – junho, p. 55-74, 2006.

PELLEGRINI, D. **Minhas lembranças de Leminski**. Curitiba: Geração Editorial, 2014.

TONON, E. H. **Vida, coisa para ser dita: Envio, metamorfose e (auto)biografia em Paulo Leminski**. Desterro: Universidade Federal de Santa Catarina, 2014.

VAZ, T. **Paulo Leminski: o bandido que sabia latim**. São Paulo: Record, 2009.